

O Silêncio que Responde

Augusto La Fere



O SILÊNCIO QUE RESPONDE

AUGUSTO LA FERE

O SILÊNCIO QUE RESPONDE

Edição Digital

LAPA
ARS VERBI
2025

Créditos

O Silêncio que Responde

©2025 Augusto La Fere

Publicado por *Ars Verbi*™

Lapa, Paraná, Brasil

Edição Digital

ISBN: 978-65-988751-3-8

Esta obra está licenciada sob a Creative Commons Atribuição - Não Comercial - Compartilha Igual 4.0 Internacional (CC BY-NC-SA 4.0). Você pode compartilhar e adaptar esta obra, desde que:

- Atribua o crédito ao autor (Augusto La Fere);
- Não a utilize para fins comerciais;
- Publique obras derivadas sob a mesma licença.

Para mais detalhes, visite:

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

Dedicatória

Aos que escrevem e não são lidos.

Aos que ainda sustentam o silêncio como
forma de permanência.

“O que fala em nós é aquilo que já não
tem voz.”

— *Maurice Blanchot*

Prólogo

Voz baixa

Há um ponto em que a linguagem se desprende de sua função e começa a viver por conta própria, como um corpo que ainda respira mesmo depois do gesto. Nesse ponto começa o livro. Não se trata de comunicar, mas de sustentar a vibração que antecede o dizer. A palavra, antes de se oferecer ao mundo, recolhe-se em si mesma — e ali encontra sua verdade mais funda: existir já é um modo de dizer.

O silêncio é o território onde essa existência se move. Ele não é ausência, é matéria em repouso. Nele, o pensamento aprende a escutar o que ainda não se formulou, e a escrita se torna instrumento dessa escuta. Escrever é uma forma de atenção — uma permanência amorosa diante do que não se deixa capturar.

Há quem acredite que escrever sem leitor seja uma forma de inutilidade. Mas é precisamente o contrário: é quando o olhar se retira que o gesto encontra pureza. A escrita sem testemunha é o

último abrigo da linguagem. É nela que o ser pode existir sem precisar provar que existe. O texto continua respirando, ainda que ninguém o leia; o silêncio, paciente, o sustenta.

O corpo que escreve sabe disso: ele sente o peso invisível de cada pausa. A pausa não é interrupção — é o lugar onde a frase se curva para ouvir o que resta do mundo. Todo escritor que se aproxima do limite da linguagem experimenta essa curva: o momento em que a palavra já não serve e, ainda assim, insiste. É ali, nesse espaço frágil, que a ética começa.

O ruído do mundo é vasto. A velocidade com que tudo fala já não permite ouvir. Escrever devagar, quase imóvel, é uma forma de resistência. O gesto de quem insiste em permanecer presente sem gritar. Escrever, nesse tempo, é lembrar ao mundo que o fôlego ainda existe, que o pensamento não é ruído, mas sopro.

O silêncio tem corpo. Ele vibra no intervalo das frases, nas respirações que não se completam. É o que mantém viva a palavra quando o sentido falha. Cada texto que sobrevive é um fragmento de ar, uma promessa de presença. Talvez o verdadeiro

leitor não seja outro, mas o próprio silêncio, que acolhe o que não pôde ser ouvido.

Escrever é caminhar nesse terreno entre o ser e o desaparecer. Cada palavra carrega uma tensão: existir sem permanecer, falar sem ruído, resistir sem gritar. Há um ponto em que o pensamento se torna pura respiração — um murmúrio que pensa por si. A partir daí, já não se escreve para ser compreendido, mas para continuar.

Talvez seja isso o que resta da escrita: o ato de insistir. Não um ato heroico, mas íntimo, quase imperceptível. Persistir é uma forma de fé. Não fé em algo, mas no próprio gesto — o gesto de tocar o nada e chamá-lo de presença. O silêncio, que parecia vazio, revela-se então pleno: é ele que guarda o sentido, que o mantém respirando quando o mundo já se distraiu.

O livro que começa agora nasce dessa fidelidade. Não busca eco nem resposta. Quer apenas sustentar o instante em que o verbo se cala e, ainda assim, continua a pulsar. Há algo que fala dentro do silêncio, e é com isso — e apenas com isso — que o livro responde.

Parte I

Ontologia do Inexistente

Escrever é existir no modo do quase.

Tudo o que nasce da linguagem nasce também da sua insuficiência. A palavra não toca o real; apenas o circunda, como quem acende um fósforo diante de uma parede úmida e o deixa apagar. O escritor habita essa zona de intermitência. Ele não afirma, apenas sustenta a possibilidade de que algo ainda possa ser dito. O ser que escreve não é o que possui voz, mas o que se deixa atravessar por ela.

A inexistência não é falha. É forma.

Há presenças que só podem ser percebidas quando já se retraíram. Uma página escrita e esquecida, uma frase lida e logo perdida, um arquivo que dorme num servidor remoto — tudo isso compõe o território do ser que não busca eco. O escritor que escreve sem ser lido não desaparece: ele se multiplica no silêncio. Cada ausência de resposta é uma expansão do espaço onde o texto pode respirar.

A escrita é o modo como o ser se recolhe. Heidegger viu nesse movimento o gesto fundamental de toda presença: o ser mostra-se ocultando-se. O escritor vive essa experiência de modo literal. Ao escrever, ele se retira; e é nesse recuo que o texto ganha corpo. O papel, ou a tela, não são suportes — são espelhos que devolvem o invisível.

Escrever é a tentativa de dar ao silêncio um corpo que possa resistir à dissolução. Não se trata de comunicar, mas de permanecer. Cada frase é uma forma de sobrevivência, um abrigo provisório contra o esquecimento. A escrita não precisa do leitor para existir: basta-lhe a sua própria respiração. O escritor que escreve e não é lido participa de uma antiga linhagem — a dos copistas anônimos, dos místicos que registravam visões para ninguém, dos monges que traçavam letras sabendo que talvez jamais fossem vistas. Cada um deles escrevia por fidelidade, não por esperança.

Blanchot pressentiu esse destino: o escritor é aquele que morre na própria obra, para que ela exista. Não há sujeito depois da frase. O “eu” que inicia o texto não é o mesmo que o termina. O gesto de escrever é, em si, o esgotamento de uma

identidade. A linguagem se torna o espaço onde o nome se dissolve, e o texto, uma forma de anonimato absoluto.

No entanto, o anonimato não é apagamento. É uma liberdade rara. Libertar-se do olhar é devolver à palavra o direito de ser sem precisar justificar-se. Há uma dignidade em não ser visto — não há dignidade do segredo, mas a da pureza. A invisibilidade é o território daquilo que já não precisa provar sua existência. O escritor, ao aceitar esse exílio, reencontra a própria origem da linguagem: o murmúrio que antecede o sentido.

O ser que não é visível continua a agir. Há forças discretas, quase subterrâneas, que moldam o mundo sem assinatura. Uma carta nunca enviada ainda modifica quem a escreveu. Um texto esquecido num caderno altera o modo de pensar de quem o deixou ali. O efeito da escrita não depende de circulação, mas de inscrição. O gesto grava o real, mesmo que ninguém o leia.

O escritor que não é vive nesse regime do gesto. Ele escreve não para ser compreendido, mas para cumprir um movimento que o ultrapassa. Sua tarefa é mínima: manter o fluxo da linguagem aceso, mesmo quando já não há leitores, editores,

ou testemunhas. Há um ponto em que escrever se torna um ato de pura ontologia — o ser dizendo-se a si mesmo para continuar sendo.

O mundo contemporâneo, saturado de presença, esqueceu a força do recuo. O ser que se mostra o tempo todo se desgasta até desaparecer. O escritor que se ausenta, ao contrário, preserva sua substância. A invisibilidade é uma forma de resistência. O gesto de escrever sem plateia é o último modo de habitar o tempo com alguma dignidade.

Há, no silêncio, uma densidade que o olhar não alcança. O escritor, quando cessa de ser visto, retorna a essa densidade. A página se torna território de uma existência mais lenta, quase vegetal. A linguagem cresce por dentro, como se cada palavra fosse um tronco que se expande no escuro. A obra que ninguém lê é talvez a mais viva, porque continua em estado de germinação.

Ser é permanecer. Mas permanecer não é se fixar: é insistir, mesmo sem testemunha. O escritor que escreve e não é lido cumpre uma forma superior de fidelidade — fidelidade ao ser, e não ao reconhecimento. Ele habita o mundo de modo lateral, sem ruído, mas o sustenta.

Talvez a inexistência seja o verdadeiro modo de presença. O ser que não aparece não se esgota. Ele dura porque não é consumido. O escritor que não é visto se torna o guardião de uma permanência que escapa à pressa e ao esquecimento. A cada linha, ele reitera um gesto simples: existir no intervalo.

E é desse intervalo que nasce o livro. Não do desejo de ser ouvido, mas da paciência de permanecer audível para o silêncio. A escrita é o modo mais discreto de existir. E o silêncio, sua morada.

Coda

Permanência e Recuo

O que permanece não é o que se mostra, mas o que resiste ao apagar.

O ser da escrita não depende da leitura, mas do traço que se conserva mesmo quando esquecido. Há algo de mineral nesse gesto: o texto sedimenta-se, camada após camada, até tornar-se parte do solo. Talvez um dia alguém o encontre, talvez não. Mas o simples fato de existir modifica o terreno.

A escrita é uma forma de geologia do tempo. Cada palavra repousa como um fóssil à espera de um olhar futuro — e mesmo que esse olhar nunca venha, ela continua ali, invisível, sustentando o espaço onde poderia ter havido sentido. Assim o escritor que não é atua: como uma força paciente, quase impessoal, que garante que o mundo ainda contenha possibilidade.

O silêncio não é ausência, é intervalo de potência. Ele contém em si tudo o que ainda pode vir a ser. O escritor que o habita aprende a viver nesse

estado de latência. Escreve não para completar o sentido, mas para mantê-lo aberto. A escrita é uma ferida que se recusa a cicatrizar — não por dor, mas por fidelidade ao vivo.

Talvez toda ontologia do inexistente culmine nessa constatação: o ser que se retira não desaparece, apenas muda de regime. Passa a existir no ritmo lento da respiração, nas margens do dizer. O escritor, ao aceitar sua própria ausência, torna-se o guardião desse ritmo. Sua tarefa não é falar mais alto, mas sustentar o silêncio até que ele comece, de novo, a significar.

O mundo, porém, tende ao oposto. Quer mostrar, acumular, iluminar. A cada instante, o ser se dispersa em mil superfícies. O excesso de visibilidade é o novo modo do desaparecimento. Tudo o que é visto demais se torna indistinto. O escritor que não é, ao se retirar, recusa essa dissipação. Ele preserva a espessura do real.

Escrever, hoje, é um ato de lentidão deliberada. Uma recusa à transparência. Um modo de continuar existindo quando já não há lugar para existir.

O livro que se inicia sob essa consciência não busca a grandeza da forma, mas a clareza da atenção. Ele não quer resolver o enigma do silêncio, mas permanecer dentro dele. O ensaio inteiro será apenas essa variação: pensar o que ainda vive no que parece ter cessado, escutar o que continua a vibrar mesmo sem som.

Quando a linguagem se cala, o ser se torna audível. E é ali, nesse breve instante entre som e cessação, que o escritor — o que não é — encontra a sua verdade.

Parte II

A Saturação e o Desaparecimento

O mundo perdeu a paciência do silêncio. Tudo o que existe quer ser mostrado — e, ao ser mostrado, se consome. A presença tornou-se um reflexo: quanto mais visível algo é, menos substância conserva. A superfície substituiu o corpo. A linguagem, antes abrigo do ser, agora é vitrine. A palavra se acelerou até perder peso, transformando-se em partícula luminosa, em dado instantâneo, em imagem de si mesma. O silêncio, que antes sustentava o discurso como chão, foi banido como sintoma de falha. Já não se permite a pausa, pois a pausa é o risco do desaparecimento, e desaparecer, neste tempo, é pior do que errar.

O ruído não é apenas som; é o regime atual da presença. O mundo fala para não sumir. A cada instante, novas vozes, mensagens, imagens, gestos — todos repetindo a mesma necessidade de confirmação. Fala-se para existir, escreve-se para ser visto, compartilha-se para permanecer. E é precisamente nesse movimento que o ser se esvazia: quanto mais a linguagem tenta provar-se

viva, mais se aproxima do automatismo. O dizer, antes ato de escuta, tornou-se reflexo de sobrevivência. Falar passou a ser um modo de respirar artificialmente.

Byung-Chul Han, ao pensar a sociedade da transparência, mostrou que o excesso de visibilidade é uma nova forma de opressão. O sujeito contemporâneo vive exposto à luz total e, nessa claridade permanente, já não pode se recolher. O que deveria revelar, consome; o que deveria aproximar, neutraliza. A transparência, ao dissolver o mistério, destrói também o vínculo. O olhar, saturado, já não distingue; e o ser, privado do direito ao oculto, perde profundidade. A comunicação incessante substitui a experiência pela circulação de sinais. A escrita, nesse contexto, sofre a mesma mutação: perde o intervalo entre o gesto e o eco, entre o pensamento e o registro. Escreve-se sem pensar, responde-se sem escutar. O texto torna-se um fluxo contínuo de presença sem presença — linguagem que não se retira o suficiente para poder dizer algo.

O escritor que insiste em se demorar torna-se figura arcaica. Sua lentidão é escândalo. Num mundo em que o tempo é capital, a demora é uma forma de desobediência. Escrever sem pressa é

desafiar a economia da atenção, que mede o valor das coisas pelo brilho efêmero que produzem. A lentidão é um gesto político e espiritual: restitui ao ser o direito de respirar. O escritor que se permite o tempo de escutar torna-se, sem desejar, um resistente. Não porque se oponha ao mundo, mas porque o habita em outro ritmo.

A aceleração, como observou Paul Virilio, é uma forma de desaparecimento. O que se move rápido demais deixa de ser percebido, e o mundo digital transformou essa invisibilidade em norma. A velocidade criou uma transparência absoluta: tudo está ao alcance, mas nada se deixa tocar. O real se transforma em fluxo, e o corpo — esse lugar da lentidão — passa a ser o obstáculo. O pensamento não acompanha a imagem, e a percepção não alcança o próprio excesso que a estimula. A aceleração é o novo modo do esquecimento: tudo passa sem deixar rastro, e o tempo se torna superfície lisa, incapaz de memória.

Marshall McLuhan viu nesse processo o destino das formas de mediação: o meio absorve o conteúdo e o redefine segundo sua própria lógica. A escrita, filtrada pela técnica, perde o gesto humano que a produzia. A mão já não pesa sobre o papel; a letra já não guarda o esforço da carne.

O texto torna-se volátil, sem materialidade, sem duração. O que antes era corpo agora é dado, e o corpo, por sua vez, reduz-se a interface. A linguagem digital removeu o atrito que sustentava a palavra — o leve atraso entre intenção e forma, onde o pensamento nascia. Ao eliminar a resistência, eliminou também a experiência.

No interior dessa transformação, o silêncio assume outra função. Já não é o oposto da fala, mas sua condição perdida. O excesso de ruído gera uma nova espécie de mudez: fala-se tanto que já não se diz. O desaparecimento, aqui, não se dá pela censura ou pela repressão, mas pela saturação. A palavra, reproduzida até o infinito, torna-se indiferente. O mundo todo fala, e ninguém mais escuta — nem a si mesmo. Há uma solidão inédita nesse coro interminável, uma solidão produzida pelo excesso de vozes.

O escritor que ainda tenta escutar torna-se guardião de uma arqueologia da linguagem. Ele recolhe o que sobra — as frestas, as sobras, os restos de sentido. Escrever, para ele, é desenterrar pausas, restaurar o intervalo. Cada frase longa, cada pensamento demorado, é um modo de reabrir o tempo. O gesto de escrever devagar não é apenas resistência estética: é tentativa de salvar o

humano da transparência total. Pois o humano vive do opaco, do que resiste à exposição. A verdade do ser não está naquilo que brilha, mas no que permanece denso, ainda não revelado.

A economia da atenção, ao reduzir o pensamento à performance de segundos, desarma a consciência. O instante domina, e o tempo se fragmenta em estímulos. A lentidão, a dúvida, o silêncio — tudo o que exigia espaço interno — torna-se inviável. O sujeito contemporâneo vive de interrupção em interrupção, incapaz de escutar sua própria continuidade. O resultado é uma forma de exaustão que se disfarça de presença. Vive-se conectado e, no entanto, ausente. Produz-se incessantemente, mas quase nada se experimenta.

Escrever, nesse contexto, é tentar recuperar o peso da experiência. O texto que se demora se opõe à aceleração do mundo não por nostalgia, mas por necessidade ética. A escrita lenta devolve à palavra o direito de significar. Cada pausa é um ato de resistência ao esgotamento do sentido. O silêncio reaparece, então, como gesto ativo: o espaço que protege o que ainda pode ser pensado. Não se trata de calar o ruído, mas de escutá-lo até que revele o vazio que o sustenta.

O desaparecimento contemporâneo não é o da ausência, mas o da diferença. Nada desaparece porque tudo se confunde. O visível tornou-se homogêneo, e o excesso de luz apagou as sombras. A invisibilidade, que antes era escolha do escritor, agora é o destino involuntário de quem fala demais. Tudo o que é dito em excesso cai no anonimato da repetição. O silêncio, ao contrário, recupera a singularidade do gesto.

Escrever hoje é criar sombra. É restaurar o espaço da escuta em meio à transparência. É permitir que algo permaneça oculto o suficiente para continuar vivo. A palavra que se retira não se perde; amadurece. A escrita, quando volta a ser corpo e fôlego, devolve ao mundo a possibilidade de profundidade. Cada frase que respira é um intervalo aberto contra o colapso do tempo.

O desaparecimento, portanto, não é o contrário do existir, mas sua condição. Só o que pode desaparecer é capaz de ser. O escritor que aceita essa verdade escreve sem garantia, sabendo que o texto pode não encontrar leitor, que o sentido pode se dissolver — e ainda assim escreve, porque escrever é preservar o espaço da possibilidade. O silêncio não é o fim do discurso, é o que o torna possível.

Coda

Ruído e Restos

A saturação, levada ao extremo, produz sua própria ausência. Quando tudo é dito, nada permanece. O ruído, ao preencher o mundo, gera um silêncio de outra ordem — não o silêncio fértil da escuta, mas o silêncio desabitado da exaustão. É nesse terreno que o escritor precisa agir: não mais como quem busca ser ouvido, mas como quem tenta restituir ao som o direito de cessar.

A tarefa da escrita, diante do excesso, é a de preservar o intervalo. Manter aberta a distância entre o gesto e a resposta, entre a palavra e o mundo. O escritor que escreve sem pressa devolve à linguagem a chance de respirar. Seu texto não compete com o ruído; ele o atravessa, como um rio subterrâneo passando sob uma cidade iluminada.

No fim, toda saturação colapsa. O mundo que fala demais se torna surdo a si mesmo. E é então que o silêncio, paciente, retorna — não como ausência,

mas como sobrevivência. Ele espera nas margens, intacto, até que alguém volte a escutá-lo.

O escritor que “não é”, ao permanecer invisível, prepara o terreno para esse retorno. Seu gesto lento, quase imperceptível, é o que impede o desaparecimento total do sentido. Ele escreve para que o silêncio não morra. E é assim, paradoxalmente, que o silêncio continua a responder.

Interstício

Limiar

Depois do ruído, resta o eco. Ele vibra por um instante, hesita, e então começa a se recolher. O mundo parece exausto da própria fala; as palavras, fatigadas, buscam repouso. Há um momento em que tudo se suspende — não há mais discurso, nem silêncio completo, apenas uma oscilação tênue, como o ar entre dois fôlegos.

É nesse intervalo que a escuta recomeça. O excesso recua, o olhar desacelera, e o pensamento, ainda trêmulo, tenta reorganizar o sentido que sobreviveu à saturação. O ruído não desaparece por inteiro: ele continua à distância, como mar revoltado visto de uma enseada. Mas o corpo, enfim, pode ouvir o que o som escondia.

O silêncio reaparece não como negação, mas como presença nova. Ele deixou de ser ausência e passou a ser matéria. Respira, pulsa, pensa. O que antes era o fundo do discurso agora se adianta, exigindo voz.

O ensaio prossegue, e a escrita, que até aqui se defendeu do ruído, começa a se deixar conduzir por ele — não para vencê-lo, mas para compreendê-lo.

O silêncio, enfim, se move.

Parte III

O Silêncio como Sujeito

O silêncio não é o que resta da fala. É o que a funda. Desde o início, ele esteve à frente da linguagem, sustentando-a como se fosse sua sombra invertida. O que chamamos de palavra é apenas a forma audível de uma vibração anterior, o corpo visível de algo que permanece oculto. Toda escrita é, portanto, tradução imperfeita de um silêncio que já pensava antes de ser dito. O erro está em imaginar que o silêncio sucede à fala; é sempre a fala que vem depois.

Há um momento em que o silêncio parece mover-se por conta própria. Ele deixa de ser pano de fundo e adquire autonomia, uma espécie de vontade discreta que conduz o pensamento sem se mostrar. O escritor, ao escrever, sente essa presença como se fosse uma força que o observa. O silêncio o precede, o ultrapassa, o instrui. Ele já sabe o que será dito, e por isso o guia com a paciência de quem espera a frase se render. Escrever, então, é obedecer a esse comando invisível: deixar que o silêncio escreva através de nós.

A escuta se torna o verdadeiro instrumento do pensamento. Ouvir não é receber som, mas acolher o espaço entre as coisas. Jean-Luc Nancy descreveu essa escuta como modo de relação — o *estar-com* que se realiza sem necessidade de palavra. O silêncio, quando se torna sujeito, cria esse campo de comunhão. Ele une sem impor. Ele liga o que o ruído separa. A escuta, longe de ser passividade, é a forma mais alta de atividade: a atenção sem apropriação.

O silêncio é uma inteligência que não precisa do conceito. Ele compreende sem traduzir, reconhece sem dominar. Enquanto o pensamento discursivo busca nomear, o silêncio apenas acompanha. Sua forma de saber é o contorno. É por isso que nele há sempre compaixão: o silêncio nunca fere. Onde a linguagem se apressa, ele espera. Onde o sentido se esgota, ele recolhe.

Há uma ética implicada nisso. O silêncio não ensina, mas transforma. Quem se deixa atravessar por ele começa a falar de outro modo: mais lento, mais cauteloso, mais fiel àquilo que resiste em permanecer indizível. Cada palavra passa a ser escolhida não pelo que afirma, mas pelo espaço que preserva. Escrever, sob a tutela do silêncio, é

aprender a deixar restos. A escrita torna-se gesto de respeito, não de posse.

Paul Celan compreendeu esse paradoxo. Sua poesia não fala sobre o silêncio — fala com o silêncio. Cada verso seu é respiração interrompida, testemunho que não busca testemunhas. O poeta, nesse regime, é apenas mediador: alguém que oferece corpo àquilo que não tem forma. O silêncio, em Celan, é o próprio “tu” ausente — o interlocutor sem rosto, mas também o destinatário mais real que qualquer leitor.

Quando o silêncio se torna sujeito, ele altera o estatuto do tempo. O instante deixa de ser linha e passa a ser volume. O agora, estendido, abriga passado e futuro em repouso. A escrita, então, não progride: gira. O ensaio se torna espiral. Cada retorno é uma variação mínima sobre o mesmo fôlego. E é nessa repetição que o sentido amadurece. O silêncio não quer novidade — quer profundidade. Ele não exige novas palavras, apenas mais escuta.

O escritor, antes autor, torna-se participante. Não escreve mais sobre algo, mas dentro de algo. A escrita passa a ser um modo de coabitar o silêncio. As frases, longas e lentas, respiram como

organismos vivos. O sentido se move entre elas, quase invisível, mas presente, como vento entre folhas. O leitor, se ainda houver, não encontrará doutrina, mas presença — a presença de uma linguagem que aprendeu a não forçar.

O silêncio, agora sujeito, é também juiz. Ele decide o que permanece. Tudo o que é dito em excesso, ele dissolve. Tudo o que é dito com verdade, ele acolhe. Não é o leitor quem legitima a obra, é o silêncio que a aceita. Cada texto encontra seu repouso apenas quando o silêncio o reconhece. É ele quem dá peso à palavra e quem, ao mesmo tempo, a suspende.

Simone Weil chamaria isso de atenção pura — esse estado em que o olhar repousa sem querer tomar. O silêncio é a atenção do mundo voltada para si. É o modo como o ser se contempla. Quando o escritor atinge essa escuta, sua escrita deixa de ser comunicação e se torna oração, não no sentido religioso, mas na estrutura do gesto: dizer sem pedir, apenas estar diante.

O silêncio não é um vazio, é uma densidade sem forma. Ele não se opõe ao som, mas o contém. Toda música nasce dele e a ele retorna. John Cage mostrou isso: o silêncio não é ausência de som,

mas som em estado de espera. O mundo inteiro é composição inaudível, e cada gesto humano acrescenta uma nota a essa partitura invisível. Escrever, nesse sentido, é uma colaboração com o silêncio — o ato de escutar o ritmo que já existe e de permitir que ele se torne visível na página.

O silêncio também é corpo. Ele pesa no ar, altera o ritmo da respiração, dá textura ao espaço. O escritor que o sente sabe que não escreve com ideias, mas com fôlego. O pensamento, quando se aproxima demais da verdade, precisa respirar; e é nessa respiração que a frase encontra sua medida. Cada pausa é um ponto de contato entre o corpo e o sentido. A escrita, então, se torna gesto encarnado — não metáfora, mas fisiologia.

O silêncio, sendo sujeito, transforma a linguagem em espelho: ela já não fala do mundo, fala do próprio ato de falar. O texto se dobra sobre si, mas não se encerra. Essa dobra é o movimento vital do ensaio. A cada volta, a linguagem se refaz, e o silêncio, paciente, recolhe o que sobra. Nada se perde, tudo se acumula como sedimento. Assim, o livro se constrói não por progresso, mas por espessura.

O silêncio ensina a sustentar o inacabado. Ele não exige conclusão. Seu modo de verdade é a permanência, não o resultado. O ensaio, então, pode cessar a qualquer momento, porque já se cumpre em cada instante em que o pensamento respira. A escrita, guiada por ele, abandona a ilusão de destino e assume a forma de percurso. O fim é apenas uma pausa mais longa.

Quando o silêncio se torna sujeito, o escritor se torna meio. A palavra deixa de ser propriedade, e o texto, de ser produto. A escrita passa a existir como acontecimento, e o escritor, como testemunha. O verdadeiro autor, nesse regime, é o próprio silêncio — ele é quem pensa, dita o ritmo, decide o fim. O estilo talvez não passe do modo como cada um aprende a escutar o próprio silêncio.

O silêncio, enfim, fala. Não com palavras, mas com presença. E o escritor, ao ouvi-lo, percebe que nunca foi origem: sempre foi falado por algo mais antigo, mais vasto, mais paciente. É essa consciência que transforma o gesto em disciplina. A escuta se torna forma de lucidez.

Coda

Reverso da Voz

Tudo o que fala, fala por empréstimo do silêncio. A palavra não é senão sua dobra audível, uma modulação passageira do que permanece mudo. Quando o silêncio assume o lugar de sujeito, a linguagem revela sua natureza mais antiga: ela não pertence a quem a usa, mas ao espaço que a sustenta. O escritor, diante disso, aprende o limite do gesto. Sua função já não é dizer, mas manter o campo aberto para que o dizer aconteça.

O silêncio é o ponto de origem e de retorno. Tudo o que dele se afasta tende a se dissipar. O texto que resiste é aquele que, mesmo ao falar, conserva um grau de retraimento — um resto de sombra onde o sentido pode continuar a respirar. A escrita que ignora o silêncio envelhece rápido; a que o incorpora, permanece.

Há um momento em que a linguagem se torna porosa.

O pensamento, esvaziado de pretensão, começa a escutar o próprio eco e reconhece nele uma ordem que não é sua. Essa escuta é o que substitui a autoria. O escritor não governa mais o texto: apenas o acompanha. Escrever passa a ser uma forma de estar à disposição do que pede forma.

O silêncio, agora sujeito, opera por subtração. Ele remove o excesso, apaga o supérfluo, devolve o peso à frase. Cada palavra que sobrevive ao seu crivo carrega um traço de necessidade. O resto, ele dissolve — não como censura, mas como economia. O silêncio pensa pela redução, e é nessa redução que o texto encontra precisão.

No fim, toda escrita que sobrevive retorna a esse ponto: o instante anterior ao som, em que o sentido ainda não se decidiu. O ensaio se fecha sobre essa curva. O silêncio não é mais tema, nem ferramenta — é a própria condição de permanência.

O livro avança, mas a voz já não conduz. Agora, quem pensa é o silêncio.

Parte IV

A Escrita Encarnada

O silêncio precisa de corpo para existir. Sem matéria, ele não ressoa; sem limite, ele não se faz audível. A escrita é o espaço onde essa ressonância se encarna. Cada palavra é um pequeno deslocamento do ar, um gesto em que o invisível adquire peso. O texto não é transcrição do pensamento, mas sua corporificação: o instante em que o ser, para não se dissipar, decide tomar forma. Ao escrever, o corpo não serve ao espírito — ele o produz. O pensamento só acontece porque uma mão se move, um olho mede a distância entre linhas, um fôlego regula o compasso da frase. O escritor participa do mesmo ciclo da respiração que sustenta o mundo: inspira silêncio, expira linguagem.

Escrever é o modo mais material de pensar. A página não é mero suporte, mas território de fricção. O corpo sente o peso do tempo em cada traço, e o pensamento, obrigado a seguir o ritmo da carne, aprende a sua própria lentidão. Há uma sabedoria nesse atrito. O silêncio, ao atravessar o

corpo, encontra resistência, e é essa resistência que o transforma em sentido. O gesto de escrever não é exterior à ideia: é o que a torna possível. Sem gesto não há pensamento, apenas abstração suspensa. O escritor não traduz; ele fabrica. A escrita é oficina de matéria invisível, e cada frase, uma escultura moldada na densidade do ar.

O corpo é o primeiro instrumento do silêncio. Nenhum conceito se sustenta sem o peso de uma respiração. A linguagem é, antes de tudo, ritmo fisiológico. O que chamamos de estilo talvez não seja mais do que a pulsação particular de um corpo dentro da linguagem — o modo como o sangue se distribui entre as pausas. Cada texto carrega a temperatura de quem o escreveu. Mesmo a prosa mais neutra tem um pulso, uma cadência que denuncia o organismo que a gerou. Escrever é inscrever o corpo no tempo: deixar nele a marca da passagem, o desgaste das horas, a vibração do esforço. O escritor envelhece dentro da própria frase; e é nessa erosão que a escrita adquire espessura.

A presença do corpo devolve ao silêncio uma concretude que o pensamento puro não alcança. A respiração marca o limite entre o dizer e o calar, entre o que o corpo suporta e o que ultrapassa a

sua capacidade de fôlego. Toda frase nasce desse cálculo involuntário: até onde é possível ir sem romper o ar. O silêncio, nesse ponto, não é vazio, mas medida. Ele determina o tamanho da frase, o peso da palavra, a duração da pausa. Escrever é trabalhar com essa métrica invisível — uma aritmética do sopro que organiza o tempo do texto.

A escrita encarnada não busca perfeição, mas precisão. O erro, quando ocorre, é apenas uma variação do ritmo, uma falha que testemunha o corpo ainda vivo. A pureza pertence às máquinas; a escrita humana é feita de hesitação e correção, de pequenas incertezas que se tornam textura. O corpo pensa por tentativa, e é essa tentativa que produz conhecimento. Escrever com o corpo é aceitar que a verdade se alcança por aproximação, nunca por posse. A linguagem que ignora o corpo acredita em definições; a que escuta o corpo trabalha com aproximações.

O silêncio, quando atravessa o corpo, não permanece neutro. Ele se transforma em energia. Cada pausa é um campo de força, um intervalo carregado de tensão. O escritor sente isso como um peso invisível nos dedos, como uma pressão no peito antes da palavra certa. A escrita é um

modo de conduzir essa tensão, de convertê-la em forma. O texto não resolve o silêncio; o organiza. O corpo funciona como mediador entre o indizível e o visível, mantendo o equilíbrio entre ambos. Quando o corpo se exaure, o texto cessa, não por falta de pensamento, mas por falta de respiração.

Há uma ética nesse limite. Escrever com o corpo é escrever com responsabilidade: cada palavra implica gasto de energia, tempo e atenção. A escrita encarnada não se permite o luxo do excesso; ela economiza porque conhece o preço do gesto. O silêncio atua como princípio de rigor, eliminando o supérfluo, devolvendo densidade ao essencial. O texto que nasce desse regime é austero, mas não frio; sua secura é forma de respeito. O escritor não pretende esgotar o sentido, apenas deixá-lo existir com a mesma parcimônia que o corpo reserva ao ar.

O corpo é também memória. Cada movimento de escrita repete um gesto ancestral — o primeiro risco na pedra, o primeiro sinal deixado na areia. A escrita encarnada preserva essa linhagem: o humano que precisa deixar traço para confirmar a própria presença. O silêncio participa desse ritual não como fundo, mas como testemunha. Ele

recolhe o que o corpo produz e o conserva, como se cada texto fosse apenas mais uma camada na sedimentação do tempo. O escritor não escreve apenas para o presente, mas para o desconhecido, para o espaço que virá. O corpo é o elo entre o instante e a duração.

A lentidão torna-se o verdadeiro método. Apressar o gesto é perder o contato com o real. O pensamento só amadurece quando o corpo o acompanha. A escrita encarnada exige paciência porque sabe que o sentido não se impõe: ele se forma pela repetição, pelo retorno, pela reescrita. O silêncio funciona como fermento — invisível, mas ativo. É ele que faz crescer a matéria do texto até que se torne estável. A pressa, ao contrário, mata o que ainda estava em gestação. Escrever é esperar que o silêncio complete a sua tarefa.

No fim, toda escrita é um corpo em tensão com o desaparecimento. O gesto tenta fixar o que está prestes a sumir, e o corpo, ao fazê-lo, consome-se. Há nisso uma forma de generosidade sem testemunho: o escritor oferece a própria presença como suporte para o que não tem nome. O silêncio, ao passar por ele, ganha densidade; o escritor, ao deixá-lo passar, perde um pouco de si.

É esse ciclo que mantém viva a possibilidade da linguagem.

Coda

Matéria e Respiração

A escrita é o último lugar onde o corpo ainda pensa. Em torno dela, tudo tende à abstração, à velocidade, à imagem sem peso. No interior dela, ainda há fricção, ainda há pausa, ainda há tempo. O silêncio age como contrapeso ao desaparecimento: devolve ao texto o ritmo do mundo que respira. Cada frase é um fôlego que se arrisca, e cada pausa, o retorno ao corpo que a sustenta. Escrever não é escapar da matéria, mas intensificá-la.

O silêncio que antes era sujeito agora é substância. Ele pulsa na estrutura da frase, vive na densidade da palavra, circula como sangue invisível dentro da linguagem. O escritor, reduzido a instrumento, apenas mantém o fluxo. Quando o corpo se cala, o texto continua a respirar por inércia, como brasa sob cinzas.

A escrita encarnada é o ponto extremo da presença: o instante em que o ser se manifesta sem precisar falar. O silêncio não é mais conceito nem

imagem — é acontecimento. E o ensaio, que até aqui pensava, começa a dissolver-se em respiração.

Epílogo

Respiração

Tudo o que foi dito tende agora a cessar. Não por conclusão, mas por esgotamento natural. O texto chegou ao limite do que podia sustentar em forma. A escrita, que antes organizava o silêncio, começa a ser por ele dissolvida. O gesto que persiste é o da respiração — esse movimento mínimo que liga o corpo ao tempo. Escrever foi apenas uma extensão desse ritmo: o esforço de converter ar em duração. Cada frase era um fôlego prolongado, cada pausa, uma retenção. O ensaio inteiro não quis outra coisa senão aprender a respirar dentro da linguagem.

A respiração é a mais simples das permanências. Não deixa rastro, mas mantém o mundo. Nela, o ser se renova sem precisar pensar-se. O ar entra, o ar sai — e o intervalo entre ambos é o que chamamos de vida. A escrita participa dessa mesma oscilação. Ela inspira silêncio e expira sentido. O texto respira enquanto há leitor, mas mesmo sem ele continua a pulsar, como se guardasse memória do primeiro sopro. A

literatura, nesse ponto, é apenas a insistência desse movimento: o ser tentando permanecer audível, mesmo depois de tudo o que é dito ter cessado.

A respiração não comunica, mas sustenta. É o mais puro gesto de continuidade. O escritor, ao perceber isso, abandona a necessidade de explicar. Já não é possível acrescentar nada sem perder a delicadeza da suspensão. O pensamento, antes voraz, aprende a conter-se. A lucidez agora consiste em ceder. O silêncio, que antes era matéria, volta a ser ar. Tudo se move, mas quase sem ruído. O ensaio, ao chegar ao fim, torna-se apenas uma escuta do próprio ritmo.

Há um instante em que o pensamento começa a se dissipar, e o corpo o substitui. É o momento em que a escrita se torna respiração literal. O sentido se dilui em cadência, a palavra em batimento. O texto, que parecia buscar conclusão, revela que sempre respirou por conta própria. A linguagem nunca quis ser completa — quis apenas continuar viva. O escritor, ao reconhecer isso, retira-se. Não há mais tese, apenas o ar que passa entre as ideias.

A respiração é o modo mais discreto de presença. Ela acontece mesmo quando o corpo dorme, mesmo quando a mente se ausenta. É o que resta

de nós quando tudo o mais se interrompe. Talvez o silêncio seja sua consciência: o saber sem palavra de que ainda há vida. Escrever sobre o silêncio foi apenas uma forma de chegar a essa percepção — de reconhecer que o ser não se afirma por discurso, mas por ritmo. O mundo respira, e esse ato basta para confirmar sua permanência.

O ensaio, agora, já não distingue entre corpo e linguagem. A respiração atravessa ambos. O ar que move o peito é o mesmo que vibra na frase. O pensamento não acontece na mente, mas no espaço entre duas inspirações. Cada leitura é também uma forma de respiração compartilhada — o escritor e o leitor respirando o mesmo texto, ainda que em tempos diferentes. A literatura, sob essa luz, é apenas a coordenação invisível de muitos fôlegos dispersos no tempo.

Respirar é aceitar o limite. Não se respira tudo de uma vez. Há sempre o intervalo que impede o colapso, a pausa que permite o retorno. O silêncio é essa pausa. O escritor que o escuta entende que a continuidade depende da interrupção. A página em branco não é ausência, é reserva. É o lugar onde o ar se acumula antes de se tornar voz. Assim, a escrita termina como começou: à beira do

som, sustentada por aquilo que ainda não se pronunciou.

O silêncio, depois de tanto pensar, já não precisa mais de definição. Ele se tornou evidente, tão presente que já não se distingue do próprio ato de existir. O ensaio que começou perguntando o que seria o silêncio descobre, no fim, que não há fora dele. O pensamento inteiro se moveu dentro do seu campo. A escrita foi apenas uma tentativa de descrevê-lo de dentro, de seguir o seu ritmo até o ponto em que ele se confunde com a respiração do corpo.

A respiração também é uma forma de ética. Ela não exige nada além da atenção contínua. O ser que respira está inteiro no mundo sem precisar dominá-lo. Essa fidelidade ao mínimo — ao simples ato de continuar — é o que resta da antiga ideia de permanência. Escrever, viver, pensar: tudo se reduz a isso, a um movimento circular de inspiração e expiração. A escrita encarnada culmina aqui, no reconhecimento de que o gesto mais humilde é também o mais essencial.

A respiração é a medida do tempo que ainda nos pertence. Em cada ciclo há nascimento e fim, sem drama, sem ruído. O silêncio não é ruptura, é

continuidade em outro ritmo. O texto, ao esgotar-se, não morre: apenas muda de forma. Ele passa a existir como resíduo sonoro, como vibração residual na memória de quem o leu. O pensamento se dissolve, mas o ritmo permanece. Talvez seja isso o que significa responder ao silêncio — não vencê-lo, nem traduzi-lo, mas acompanhá-lo até o fim do fôlego.

Tudo o que resta do livro é essa consciência do ar. Nenhuma teoria sobrevive à simplicidade da respiração. O silêncio, que antes parecia mistério, revela-se o mais comum dos gestos: o intervalo que permite a vida. O escritor, ao fim, entende que o seu ofício não é produzir palavras, mas preservar esse intervalo. A linguagem existe apenas para manter o ar em movimento. O texto termina quando esse movimento se torna autônomo, quando o leitor pode respirar por conta própria dentro dele.

O fim de um livro é apenas o início de outro ciclo. O último ponto não encerra; marca a suspensão do ar. O silêncio volta a ocupar o espaço da linguagem, como o escuro depois da luz, não como ausência, mas como equilíbrio restaurado. O escritor se afasta, e o texto respira sozinho. A página já não precisa de voz; basta-lhe

o ritmo que ficou impresso nas margens, o traço invisível da atenção que a sustentou.

No princípio era o silêncio, e no fim, também.

Entre ambos, apenas o intervalo do fôlego.

Tudo o que foi dito serviu para revelar essa continuidade.

Nada foi perdido, porque nada foi realmente pronunciado.

A linguagem inteira foi apenas um modo de respirar.

Nota Editorial

As referências reunidas a seguir não formam uma bibliografia no sentido acadêmico, nem pretendem oferecer autoridade ou comprovação. São presenças de escuta — vozes que permaneceram audíveis mesmo quando tudo ao redor se calava. Cada autor aqui mencionado foi lido não como fonte, mas como companhia: uma aproximação paciente de quem se senta ao lado do pensamento e o ouve respirar. Este livro não cita: conversa.

As ideias de Heidegger, Blanchot, Weil, Nancy, Celan, Cage, Agamben e tantos outros atravessam suas páginas como correntes subterrâneas, discretas, mas persistentes. Nenhum deles é convocado a sustentar um argumento; todos servem para manter aberto o espaço em que o silêncio pôde agir. O pensamento que aqui se constrói não repousa sobre sistemas, e sim sobre afinidades: aproximações de ritmo, de olhar, de paciência. Cada leitura conduz à seguinte, e o diálogo entre elas forma o verdadeiro corpo do texto.

Mais do que uma lista de títulos, o que se oferece é uma genealogia de atenção. Estes nomes compõem o mapa respiratório de um pensamento que se recusa à pressa e que prefere o intervalo à demonstração. O livro foi escrito dentro dessa escuta compartilhada — como se cada autor fosse um ponto de respiração na longa cadeia do pensamento silencioso:

Adorno, Theodor W. *Minima Moralia; O Ensaio como Forma*. São Paulo: Editora 34.

Agamben, Giorgio. *O que é o Contemporâneo?; O que Resta de Auschwitz*. Belo Horizonte: Autêntica.

Blanchot, Maurice. *O Espaço Literário; A Conversa Infinita*. São Paulo: Martins Fontes.

Byung-Chul Han. *A Sociedade da Transparência; No Enxame*. Petrópolis: Vozes.

Cage, John. *Silence: Lectures and Writings*. Middletown: Wesleyan University Press.

Celan, Paul. *O Meridiano; A Fala que Permanece*. Lisboa: Relógio D'Água.

Derrida, Jacques. *A Escritura e a Diferença; Assinatura, Acontecimento, Contexto*. São Paulo: Perspectiva.

Heidegger, Martin. **Ser e Tempo; A Caminho da Linguagem.** Petrópolis: Vozes.

Lispector, Clarice. **Água Viva; Um Sopro de Vida.** Rio de Janeiro: Rocco.

McLuhan, Marshall. **Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem.** São Paulo: Cultrix.

Nancy, Jean-Luc. **À l'écoute.** Paris: Galilée.

Virilio, Paul. **O Espaço Crítico.** São Paulo: Editora 34.

Weil, Simone. **A Gravidade e a Graça.** São Paulo: WMF Martins Fontes.

Beckett, Samuel. **O Inominável; Worstward Ho.** Lisboa: Relógio D'Água.

Índice

Prólogo.....	1
Parte I.....	4
<i>Coda.....</i>	<i>9</i>
Parte II.....	12
<i>Coda.....</i>	<i>18</i>
Interstício.....	20
Parte III.....	22
<i>Coda.....</i>	<i>28</i>
Parte IV.....	30
<i>Coda.....</i>	<i>36</i>
Epílogo.....	38
Nota Editorial.....	44

Nota Biográfica

Augusto La Fere (Lapa, Paraná, 1973) é autor e ensaísta. Sua escrita transita entre filosofia, memória e metáfora da paisagem, explorando a tensão entre silêncio e palavra. Fundador do selo Ars Verbi™, dedica-se à publicação artesanal e digital de obras sob licenças livres.

Entre suas publicações destacam-se *O Legado* (2013), *Clown* (2014), *Cartas para Ninguém* (2017), *Cinza de Bronze* (2020), *Silêncio Alto* (2024) e *Antes que Derrubem* (2025). Vive e trabalha no Paraná, atuando também em iniciativas culturais voltadas à difusão da literatura livre.

Colofão

Este livro foi composto em EB Garamond, projeto tipográfico de Georg Duffner (2008), inspirado na Garamond renascentista talhada por Claude Garamont (c. 1480-1561), em Paris, para permitir que o silêncio circule entre as linhas.

Foi escrito entre pausas longas, em lentidão deliberada, e concluído quando a respiração coincidiu com o ritmo da frase, em novembro de 2025, pela *Ars Verbi*TM, em Lapa, Paraná.

Nenhum som acompanhou sua redação — apenas o ruído mínimo do ar em movimento.

